

Doutora em Ciência Política pelo IUPERJ, Mestra em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999), Sabrina Evangelista Medeiros é Professora Adjunta da Escola de Guerra Naval (EGN/MB) e Professora-Colaboradora do PPGHC/UFRJ. Comentarista de assuntos internacionais do Jornal Globo News - Edição das Dez, tem experiência na área de Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais, atuando principalmente nos temas, cooperação internacional, políticas migratórias, cooperação para segurança, mecanismos de internacionalização e reputação.

1. Cadernos GET: Especialistas em Relações Internacionais, como Reginaldo Nasser, afirmam que os atentados de 11 de Setembro de 2001 marcam o início do século XXI. Esse é um apontamento admissível ou ainda devemos dedicar mais tempo a compreender o impacto histórico dos atentados?

Prof.^a Sabrina Medeiros: Eu concordo plenamente com o professor que é um especialista em Estados Unidos e conhece muito bem conjuntura política norte-americana. Completaria essa fala com o seguinte elemento: prá mim não há dúvida de que ele é um marco, não só porque, configura exatamente a transição, afinal de contas é em 2001, mas, especialmente porque os paradigmas de política externa e de conjuntura de segurança internacional foram definitivamente modificados. Nesse sentido, a criação de novas instituições, de novos regimes internacionais de segurança, de novas resoluções ou convenções com caráter expressivo de combater o terrorismo internacional, a necessidade de reconfiguração do entendimento dos governos a respeito do que eventualmente era terrorismo ou seria terrorismo a partir de então, foram elementos que não só se fizeram diferentes, como tiveram o papel de modificar a estrutura dos relacionamentos institucionais, a estrutura dos relacionamentos entre governos prá efeito do século XXI. Eu diria que o arranjo é, fundamentalmente, o arranjo institucional e os comportamentos derivados desses arranjos são um indicativo muito presente de mudança de conjuntura de um início de um novo ciclo e não só um novo século.

2. Cadernos GET: Se repercutiu na época do atentado sobre a possibilidade disto ter significado uma falha, despreparo ou excesso de confiança dos EUA. Estes questionamentos são plausíveis? Isso influenciou na forma como governo americano estabelece sua política de defesa hoje?

Prof.^a Sabrina Medeiros: Eu diria que o 11 de setembro foi um marco definitivo para o estabelecimento de novos tipos de políticas de segurança coletiva e políticas de segurança doméstica nos Estados Unidos e na maior parte dos países aliados aos Estados Unidos,

ou com algum tipo de relação cooperativa. Essas políticas domésticas, fossem elas modificadas pelas pressões dos Estados Unidos ou fossem elas de fato relevantes para efeitos de uma garantia de menor sensação de insegurança para os norte-americanos, foram modificadas substancialmente depois do ato patriótico e, tendo em vista o anúncio do governo de que a partir dali as liberdades individuais eventualmente poderiam estar diminuídas, face à necessidade que apresentavam de uma maior impressão do controle do governo sobre os cidadãos, certamente foi essa uma diretriz nova e uma diretriz que foi calcada num reconhecimento de uma falha do sistema de segurança em vigência até então. Muito embora houvesse uma grande experiência dos Estados Unidos quanto aos processos de inteligência, por exemplo, ou às investigações, à criação de inúmeras agências de inteligência e uma estrutura importante militar de combate, não só do ponto de vista externo mas também do ponto de vista interno, uma estrutura policial, um aparato de defesa civil sempre considerado muito eficiente, o que demonstrou o 11 de setembro certamente foi de pouca coordenação entre essas instituições, a ponto de não só de se detectar a ameaça iminente, mas também de agir prontamente em relação a essa ameaça. Alguns documentos já públicos, por meio do National Security Council, demonstram, por exemplo, as comunicações expressivas que foram feitas a *Condoleezza Rice* em relação a uma ameaça iminente terrorista. Não tenho dúvida de que as estruturas de coordenação da informação certamente tiveram que ser revistas e, sobretudo, os processos decisórios, ou seja, de tomada de decisão. Eu me lembro bem do *Dick Cheney* dizendo que não sabia como prosseguir e que não sabia exatamente se deveria estar no lócus do caso – em Nova York perto das Torres para ajudar a coordenar e demonstrar a sua proximidade em relação à causa ou se deveria estar na sua estrutura de departamento de Estado, tomando as decisões necessárias. Mesmo no mais alto nível não estava claro exatamente qual seria o processo mais relevante, se os Estados Unidos tivessem sido atacados não por um estado tradicional cujo emblema de guerra fosse aquele já reconhecido desde antes da Guerra Fria. Esse aparelhamento certamente desconhecia uma ação e uma reação, subsequentemente a um tipo de atentado que não houvesse um reconhecimento explícito de uma figura estatal.

3. Cadernos GET: Há dez anos governo norte-americano declarou guerra ao terrorismo, devido aos atentados. Sabendo das desconfianças que envolvem o

relacionamento dos Estados Unidos com os países do Oriente Médio, qual seriam as perspectivas futuras envolvendo esses governos, especialmente Iraque e Afeganistão?

Prof.^a Sabrina Medeiros: Isso é muito relevante para a compreensão da política de defesa impetrada depois do 11 de Setembro porque a primeira incongruência está no sentido propriamente de guerra. Se não é possível aplicar o conceito de guerra a organizações que não são nuclearizadas, são dispersas, e têm objetivos políticos escusos e métodos não conhecidos até então, não era possível estabelecer um compromisso de guerra clássico. E nesse sentido, a guerra ao Iraque na primeira instância e, num segundo momento ao Afeganistão, são efeitos perversos, naturalmente, de uma estratégia malsucedida de combate ao terrorismo e, naturalmente, à insegurança. Isso porque não houve antes garantia de que o estabelecimento de uma guerra e investimentos pesados na desqualificação e na desmobilização de governos pudesse garantir, com efeito, uma estabilidade política necessária e, naturalmente, uma parceria com esses governos num futuro próximo. Então, o primeiro efeito perverso - para usar o Albert Hirschman - dessa incursão, seria a não-garantia dessa parceria num futuro próximo. Segundo o efeito perverso, eu diria que é um grande volume de investimentos militares para efeitos de uma geoestratégia que não é também garantida, ou seja, o conhecimento da região, a garantia de segurança na própria região e, inclusive, quanto ao desconhecimento de uma série de atuações do próprio Taliban ainda no regime colocado a cabo para arregimentar a democracia ou estabelecer compromissos claros com alguns paradigmas dessa democracia que os Estados Unidos estão impetrando no Afeganistão. Então, essas garantias não se fizeram presentes nem no Iraque, onde há vários grupos radicais ainda e onde a população ainda vive sob efeito de ameaça constante, quase que diária, e nem tampouco no Afeganistão onde os seus compromissos de combate ao terrorismo se fizeram muito pouco presentes, inclusive na não-captura do Bin Laden que estava no Paquistão. Então, no controle dessas fronteiras e no estabelecimento de uma polícia eficiente, não se garante que o Afeganistão está, de fato, longe de um regime radical ou de grupos radicais.

4. Cadernos GET: Há relação entre as revoluções no Oriente Médio, ocorridas neste ano, e o 11 de setembro de 2001? Estariam os rebeldes compactuados com as idéias difundidas na era Bush, como o combate às ditaduras islâmicas?

Prof.^a Sabrina Medeiros: O compromisso atual das revoluções árabes é certamente menor com os Estados Unidos que com suas próprias populações e a emergência de uma geração mais globalizada, com uma influência muito grande de diversas ordens,

grupos e formações. Eu não tenho dúvidas de que a conjuntura política internacional de hoje propicia o que antes talvez não fosse propício, até porque, a criação de regimes internacionais de Direitos Humanos, compromissos cada vez mais firmes a respeito disso, uma relação de interdependência cada vez mais expressiva nos nossos compromissos comerciais, certamente mobilizam estados e criam mais dificuldades para que esses estados permaneçam e façam permanecer seus regimes fechados. O combate às ditaduras islâmicas me parece uma pauta da era pós-Bush, inclusive porque os Estados Unidos, do ponto de vista conservador, sempre se fizeram pautados, inclusive com apoio de algumas dessas ditaduras islâmicas, fundamentalmente quando elas significaram um afastamento das influências soviéticas durante a Guerra Fria. No pós-Guerra Fria, a qualificação de movimentos anti-ditadura, certamente é uma pressão muito maior advinda das instituições internacionais do que propriamente de uma política externa como, por exemplo, a norte-americana. Hoje, como há alternativas estratégicas, os Estados Unidos certamente dependem de um firmamento, uma parceria com esses possíveis novos governos, então o apoio a quaisquer manifestações desse tipo me parece muito mais coerente, não só com a era Obama propriamente dita, porque existe uma proximidade de causa entre as partes, mas também uma necessidade estratégica dado que esses países certamente têm outras opções estratégicas como, por exemplo, a China e a Índia. Então, qualquer tipo de apoio a esses grupos me parece pertinente na conjuntura atual, muito embora as revoluções árabes para mim não sinalizem necessariamente uma garantia de democratização do Oriente Médio, dado que alguns desses movimentos, inclusive o movimento da Líbia, não se fez contra ditaduras islâmicas propriamente ditas, mas ditaduras familiares, quase clãs, que embebidos de uma doutrina muito própria não podem ser qualificadas ditaduras fundamentalistas islâmicas. E há contra essas ditaduras, inclusive grupos fundamentalistas islâmicos que pretendem um outro tipo de regime que não aquele baseado no clã familiar, no exemplo que se encontrava na Líbia. Então, eu não creio que isso seja uma garantia expressiva de democratização e também não creio que essa democratização tenha a ver diretamente com os ataques de 11 de setembro mas, indiretamente, pode ser que a gente possa criar um vínculo entre as partes, dado que depois disso as populações islâmicas de um modo geral, e as populações árabes sofreram enorme repúdio, distinção ou preconceito, o que é qualificado também pelos regimes fechados em que viviam.

5. Cadernos GET: Assim como a II Guerra Mundial (1939-1945), a queda do muro de Berlim (1989) e o fim da URSS (1991), podemos afirmar que os atentados do 11 de Setembro foram um divisor de águas na história humana? Como isso afetou a economia mundial?

Prof.^a Sabrina Medeiros: Se a minha premissa é de que o 11 de Setembro foi um marco, uma mudança de paradigma, eu não tenho dúvida de que a economia internacional também é distinta, porque uma conjuntura política de regimes internacionais focados num sistema de segurança internacional, em que vigore a insegurança do terrorismo, certamente tem arranjos econômicos distintos e consequências econômicas distintas. A necessidade de uma conjuntura de alianças militares e de concordância certamente é maior hoje do que no imediato pós-11 de Setembro. Isso quer dizer que cada vez mais eu vejo uma atuação arriscada e de isolacionismo, e cada vez mais pertinente uma ação em conjunto, mesmo que com determinantes difusos, como, por exemplo, na intervenção da Líbia, em que o próprio Obama quis passar a sua autoridade para a OTAN o mais rápido possível, embora a própria intervenção da Líbia tivesse vários elementos de discordância na interpretação da própria resolução. Mas, ainda assim, podemos dizer que as ações unilaterais são muito menos vigentes do que as multilaterais. Isso quer dizer que as relações entre Estados estão mais em vigor do que antes e as relações de interdependência mais relevantes para efeito de uma conjuntura econômica. Nessa conjuntura de crise internacional das principais potências, inclusive com efeito sobre a sua capacidade de manutenção de hegemonia, certamente a emergência dos países do BRIC e de outros Estados com relevância no processo econômico internacional em vigência, é uma das consequências diretas dessa nova conjuntura. Isso quer dizer que mais atores existem nesse processo e que mais atores influenciam esse processo de gestão da economia, a exemplo da queda do próprio dólar, do aumento da influência da China, do próprio endividamento dos países antes de hegemonia incontestável, da configuração de fragilidades no maior regime internacional que era o da União Europeia. E tudo isso associado, faz com que outros atores sejam mais determinantes e a conjuntura seja cada vez mais complexa, do ponto de vista do investimento externo, das necessidades de orientação da divisão internacional do trabalho, da divisão dessas economias e dos seus papéis respectivos na economia internacional, tanto do ponto de vista do abastecimento, quanto do ponto de vista do fornecimento. Essa é uma conjuntura distinta também para a economia internacional e é preciso que se entenda esses novos arranjos institucionais para que se possa diminuir ou minimizar os riscos provenientes desses arranjos.

6. Cadernos GET: Após os atentados surgiu uma certa paranoia baseada no preconceituoso estereótipo do mulçumano-terrorista. Em seguida esta desconfiança estendeu-se aos estrangeiros em geral. Como as relações humanas foram comprometidas em relação aos imigrantes?

Prof.^a Sabrina Medeiros: Eu não tenho dúvida de que, ao tempo em que as instituições internacionais tiveram a necessidade de produzir mais compromissos internacionais quanto a uma cultura de paz, a uma cultura de tolerância, também emergiram fundamentalismos diretamente relacionados aos governos e às manifestações propriamente ditas, ou seja, àquelas espontâneas. Tanto podemos dizer que houve um acirramento do entendimento do governo dos Estados Unidos a respeito de alguns conceitos, quanto também da emergência espontânea de movimentos sociais que colaboraram com esse entendimento, que colaboraram com uma visão de Estado. Essa visão é bastante focada no estereótipo do muçulmano-terrorista – eu gosto desse conceito, gostei como ele foi utilizado na pergunta – e esse estereótipo é diretamente ligado ao dado que corresponde ao fato de que fundamentalistas islâmicos organizaram e fizeram os ataques do 11 de Setembro. Agora, a ideia de um estereótipo muçulmano-terrorista não é só focada na ideia do terrorista em si, mas hoje pesquisas recentes desta semana, do ReligionResearchInstitute, demonstram que os americanos depois disso se mostram absolutamente desconfiados em relação aos muçulmanos de forma geral e que 60% deles ainda se sentem desconfortáveis com um muçulmano abaixando para rezar em um aeroporto, ou quando uma mesquita é anunciada como sendo construída na sua vizinhança. Do mesmo modo, a maior parte dos americanos respondeu, dentro dessa pesquisa, que acham que a cultura americana é distante da cultura muçulmana. Isso quer dizer que há um entendimento de que existem culturas distintas no mundo e que essa visão do multiculturalismo é uma visão de multiculturalismo de direita, ou seja, eu respeito o outro, mas eu desejo que o outro permaneça de onde veio. Essa é a distinção fundamental entre o multiculturalismo de esquerda das décadas de 1970 e 1980, que visava exatamente demonstrar a diferença e aquele discurso conservador de hoje, que reconhece a diferença distintamente do que acontecia antes, mas que diz que essa diferença precisa ser mantida e que essas diferenças são intransponíveis, e que os frutos da mistura dessas diferenças é que causam a instabilidade no mundo contemporâneo. Essa visão permanece e ela é naturalmente consequência de toda a propaganda que se estabeleceu contra o terrorismo, vinculando-o diretamente a diferença em relação às culturas ocidental e oriental. E, tendo em vista o afirmamento de alguns princípios gerais, esses princípios puderam ser absorvidos por outros tipos de interesse e por outros tipos de grupo que levam a cabo um atentado, como por exemplo, o articulado na Noruega por Anders Breivik. O grupo **Gates of Vienna**, do qual Anders Breivik fazia parte, é um dos proponentes de uma cultura esvaziada da cultura islâmica, quer dizer, em que pese à expulsão dos islâmicos, dos muçulmanos do território europeu. Essa conjuntura não existiria antes do 11 de Setembro, e eu não tenho dúvida de que o

exercício de uma cultura de paz e de tolerância hoje certamente tem a sua maior dificuldade na ideia de que a mistura ainda é boa. A democratização desses princípios não só passa pelo fato de reconhecer a diferença, mas fundamentalmente de combater o distanciamento dessa diferença.

7. Cadernos GET: No calor do momento e mesmo atualmente, verificou-se nos EUA uma censura não-governamental em diversos meios de mídia a produções que, de algum modo, pudessem citar ou conter semelhanças com o clima de horror do atentado. Diversas músicas foram vetadas por rádios e cenas inteiras foram cortadas de filmes por decisão dos estúdios de cinema. Ainda que possamos entender o 11 de Setembro como uma conjectura excepcional, estaria ocorrendo um dilema com a cara reputação de “terra da liberdade”?

Prof.^a Sabrina Medeiros: As liberdades civis que foram propriamente atingidas pelo ato patriótico são aquelas que dizem respeito ao sigilo, à privacidade telefônica. Mas do ponto de vista da opinião pública, os Estados Unidos são um bom cenário para que se avalie inclusive as extintas causas políticas, propagandas, a exemplo do que acontece com o TeaParty hoje. Eu não creio exatamente que houvesse censura, mas certamente algumas críticas mais contundentes e que diretamente afetavam a própria imagem do governo sofreram repúdio de várias comunidades, inclusive daquelas que eram partidárias do regime vigente não propriamente pelo próprio governo mas pelos seus defensores. Então essa luta, que é pertinente na democracia porque, afinal de contas diz respeito às diversas formas que a sociedade civil tem para se organizar e debater, acabou exprimindo boas manifestações culturais, melhores ainda aquelas que tocavam os estudos acadêmicos a respeito do fenômeno. Então, uma série de produções no pós-11 de setembro e eu quero destacar uma delas que foi fruto de um grande debate no cenário doméstico norte-americano que é o clipe do SerjTankian, de uma música chamada "EmptyWalls", em que ele expressou toda a sua crítica e isso foi emblema, bandeira de muitos ativistas, porque no seu clipe - e vale a pena ver - ele destaca crianças por meio das suas brincadeiras representando diversas facetas do que o Bush chamou de "missionaccomplished" e de "war on terror", que seria a guerra ao terror. Tem ali representações que podem dar margem a diversos entendimentos com as crianças representando, por exemplo, a questão dos prisioneiros de AbuGhraib, os maus tratos e a tortura em Abu Ghraib. Há também representações das próprias torres sendo atingidas, o que era, de certa forma, um tabu até então, porque de fato várias representações do 11 de Setembro foram evitadas para que não só o pânico pudesse ser evitado, mas também por conta de aquela ficou sendo uma ferida muito séria da política

norte-americana. Então tocando nesses pontos como esse clipe tocou, eu creio que não foram muitas as manifestações corajosas e tão sintéticas quanto essa e eu gostaria de citá-la porque acho que ela vale a pena como parte da representação dessa cultura política de resistência.

8. Cadernos GET: As informações fornecidas pela Casa Branca são suficientes para se crer indubitavelmente na morte de Osama Bin Laden?

Prof.^a Sabrina Medeiros: Acho que no mundo WikiLeaks não é muito possível para um governo esconder um fato ou não torná-lo público, quando os interesses de opinião pública são muito mais diversos e as fontes de informação muito menos sigilosas e muito menos confiáveis. Embora nós não tenhamos todas as condições para dizer que esse processo não foi um processo só lícito, mas um processo verdadeiro, como também não podemos negar que o custo político de uma falácia desse tipo seria muito alto e muito caro aos Estados Unidos, e certamente não compensaria dizer uma coisa que não se fizesse verdadeira, ainda mais num combate a grupos que são extremamente diversificados e que tem fontes de informações muito precisas e que já poderiam ter contestado a não morte do Bin Laden. No mundo cada vez mais inseguro, um dos efeitos dessa insegurança é certamente a criação de inimigos que são insuficientemente aniquiláveis ou aniquilados por setores de governo como nos Estados Unidos. A aniquilação do Osama Bin Laden é só um passo em direção a finalização de um luto, mas ela não significa o combate ao terrorismo em si, porque naturalmente esses agentes – não se trata de agentes de Estado e, portanto, de lideranças que dependem do seu carisma – são múltiplos e grande parte da sua convocação certamente se dá inclusive, quando essas lideranças são mitificadas, quando elas são mortas. A tal da guerra ao terror que se provou absolutamente inconsistente tem mais uma inconsistência que é a própria morte de uma liderança que não resolve o potencial problema que é necessariamente a emergência de novos terroristas a cada dia e a cada semana, convocados pelo acirramento dessas diferenças em meio a uma morte, por exemplo, de uma liderança em potencial.

9. Cadernos GET: A estruturação da Al Qaeda foi alterada com o anúncio da morte de Bin Laden, em maio deste ano? Como este fato foi recebido pelos terroristas de base islâmica e demais outros grupos?

Prof.^a Sabrina Medeiros: O que se configurou para Al-Qaeda depois disso é um dos elementos chaves que os principais analistas estão tentando configurar. O que se tem

hoje de estudos é um indicativo de que houve uma diversificação e desnacionalização dessas células. Antes concentradas em alguns poucos países como o Iêmen, a Arábia Saudita, o Paquistão, o Afeganistão, a diversificação delas para o Norte da África, na emergência de uma nova liderança do Egito e como se tem anunciado recentemente, isso tudo são sinais de diversificação da própria organização, que não é só uma organização. Com seus vários braços, ela defende um voluntarismo que é o principal princípio em comum entre essa diversidade de braços que ela tem. Mas do contrário, as suas lideranças também são diversas e alguns dos seus objetivos diretos, domésticos e distintos. Isso pode eventualmente parecer aos nossos olhos uma desorganização da organização tal como ela se estabelecia antes, mas do contrário creio que isso não significa necessariamente uma perda de controle da própria organização sobre si mesma, mas uma nova maneira de se fazer valer objetivos políticos distintos, a exemplo do que acontece com a Al-Qaeda no extremo oriente, quando mobiliza ataques contra indonésios. A diversificação dessas atuações e dos próprios interesses pode fazer com que nós estejamos em meio a um combate que torna ainda mais difícil se ter os elementos necessários ao próprio combate. Eu acho que o desconhecimento nosso seja maior hoje e esse é o principal desafio a ser superado na conjuntura contemporânea.